



**Operadora:**

Bom dia a todos. Iniciamos, neste momento, a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 4T08.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas instruções para participação. Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar \*0.

Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço [www.bb.com.br](http://www.bb.com.br), site de Relações com Investidores, onde há, inclusive, a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas, que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que eventuais declarações que possam ser feitas durante esta teleconferência, relativas às perspectivas de negócios do Banco, projeções e metas operacionais e financeiras, constituem-se em meras previsões baseadas nas expectativas da Administração em relação ao futuro do Banco. Essas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais, portanto estão sujeitas a mudanças.

Conosco, hoje, estão os senhores Aldo Luiz Mendes, Vice-Presidente de Finanças, Mercado de Capitais e Relações com Investidores, Nilson Martiniano Moreira, Diretor de Controladoria, Pedro Carlos de Mello, Contador Geral, Marco Geovanne Tobias da Silva, Gerente Geral de Relações com Investidores, José Carlos Vaz, Diretor de Agronegócios, René Sanda, Diretor de Gestão de Risco, e Luís Gustavo Braz Lage, Diretor de Crédito.

Inicialmente, o Sr. Aldo apresentará o resultado do 4T08 em grandes linhas. Em seguida, o Sr. Geovanne apresentará detalhes deste resultado. Ao final, os executivos responderão as questões formuladas.

Agora, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes. Por favor, Sr. Aldo, queira prosseguir.

**Aldo Luiz Mendes:**

Bom dia a todos. Bem-vindos à nossa teleconferência para divulgação dos resultados do 4T08 do Banco do Brasil.

Antes de passar a palavra para o Geovanne, que vai discorrer sobre o desempenho do Banco, eu queria destacar alguns pontos, de alguns acontecimentos e conquistas importantes do Banco em 2008.

No ano em que nós celebramos 200 anos, 2008, nós registramos um lucro líquido de R\$8,8 bilhões, o que corresponde a um retorno sobre o patrimônio líquido da ordem de 32,5%, e equivalerá a um lucro por ação de R\$3,43. O resultado recorrente do Banco atingiu R\$6,7 bilhões, com crescimento de 13,7% em relação a 2007.



Vocês verão na apresentação que nós cumprimos os nossos compromissos manifestados nos *road shows* que fizemos durante a oferta das ações do Banco em 2007 e das estimativas que divulgamos ao mercado ao longo do ano de 2008.

Os nossos ativos ultrapassaram R\$520 bilhões ao final do período, e a nossa carteira de crédito, que cresceu quase 40% em 2008, somou mais de R\$224 bilhões, com destaque para o crédito concedido à pessoa física, que cresceu acima de 50%, atingindo um saldo de R\$49 bilhões.

No atendimento às empresas, a nossa carteira de crédito cresceu 48% em 2008, encerrando o ano com quase R\$100 bilhões emprestados. É importante destacar que mantivemos as linhas de crédito pessoa jurídica abertas durante todo o período conturbado da crise financeira, e que no financiamento a investimentos nós encerramos o ano como os maiores repassadores do BNDES, com R\$9 bilhões em desembolsos ao longo do ano.

Eu ressalto, ainda, que o crescimento do crédito foi superior ao sistema financeiro, e veio acompanhado pela manutenção da qualidade da carteira. Ou seja, a ampla oferta de crédito não significou liberalização das premissas que norteiam a nossa política de crédito; pelo contrário. Os nossos índices de inadimplência vêm apresentando melhoria, permanecendo abaixo do sistema financeiro.

De toda forma, em função da atual conjuntura econômica, nós revisamos os modelos estatísticos de perda esperada de crédito da carteira do Banco e reforçamos em R\$1,6 bilhão a provisão adicional para perdas.

Eu lembro, também, que, em decorrência da resolução 26 do Conselho de Gestão da Previdência Complementar, o CGPC, e à luz da deliberação CVM 371, nós realizamos os cálculos de nossos ativos e passivos atuariais, o que trouxe um efeito extraordinário de R\$2,5 bilhões para o resultado do 4T08. Isso antes do impacto trazido pela provisão adicional que citei anteriormente, a provisão de R\$1,6 bilhão para crédito.

2008 ficará marcado na história do Banco como o ano em que quebramos velhos paradigmas e passamos a aproveitar oportunidades de aquisições, incorporações e parcerias estratégicas. Como exemplos, a incorporação do Banco do Estado de Santa Catarina, a aquisição do controle do Banco Nossa Caixa, em que provamos nossa força, solidez e desenvoltura ao sustentarmos desempenho relevante em diferentes linhas de negócio em meio à crise internacional, sempre com foco na sustentabilidade.

Sabemos que 2009 apresenta muitos desafios, principalmente para o setor financeiro mundial. Todavia, continuaremos a trabalhar firmemente para transformar essas ameaças em oportunidades para o Banco do Brasil.

Antes de o Geovanne iniciar a apresentação, eu quero destacar que, a partir desta divulgação dos resultados, nós passaremos a apresentar em nossa análise de desempenho destaques de nossa estratégia de responsabilidade sócio-ambiental, em decorrência ou em consonância com o conceito da *triple bottom line* de sustentabilidade, que trata dos aspectos sociais, ambientais e econômicos, com o propósito de permitir o acompanhamento de nossas atividades em bases trimestrais, bem como de evidenciar a geração de valor dessas iniciativas para os nossos acionistas e demais *stakeholders* da Companhia.



Passo, agora, então, a palavra para o Geovanne e fico à disposição na sessão de perguntas e respostas. Obrigado. Geovanne, por favor, pode prosseguir.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Obrigado, Aldo. Bom dia a todos. Vamos direto para o slide número três, onde podemos ver a evolução da lucratividade do Banco do Brasil. Como o Aldo falou, registramos um lucro líquido de R\$8,8 bilhões em 2008, um resultado 74% superior ao de 2007 e correspondente a um retorno sobre o patrimônio líquido de 32,5%, ante 22,5% no ano anterior. Na visão recorrente, o lucro também apresentou crescimento, somando R\$6,7 bilhões, 13,7% maior que o de 2007.

Destaque, também, para o desempenho do BB no 4T, em que o lucro líquido ultrapassou R\$2,9 bilhões. Desconsiderados os efeitos extraordinários do período, o lucro ficou em R\$1,6 bilhão no trimestre, 26,1% maior que o do 4T07 e 20,2% menor que o do trimestre anterior. O retorno sobre o patrimônio líquido atingiu 24,5%.

No slide quatro, podemos verificar a abertura dos fatores extraordinários que formaram o lucro do período. De um lado, reconhecemos ganhos atuariais da ordem de R\$5,3 bilhões, referentes ao superávit do Plano 1 da PREVI; de outro, nós tivemos despesas extraordinárias relativas ao reconhecimento de perdas atuariais no montante de R\$1,3 bilhão no plano de saúde dos funcionários do Banco do Brasil, a Cassi; a ativação de R\$1,6 bilhão de provisão adicional; e os efeitos fiscais e participação nos lucros de todos esses eventos extraordinários, que somaram R\$1,1 bilhão; além, é claro, de R\$44 milhões relativos a planos econômicos.

Desta forma, o efeito líquido no resultado com os itens extraordinários foi de R\$1,3 bilhão, o que nos leva, então, ao resultado recorrente de R\$1,6 bilhão no 4T.

Sem dúvida alguma, o 4T foi cheio de desafios e oportunidades para os bancos no Brasil. Ele mostrou mais claramente que o sistema financeiro nacional, apesar da crise que acometeu o sistema financeiro internacional, está bem sólido e existem muitas oportunidades que podemos aproveitar.

Em meio à falta de liquidez, restrição ao crédito e também maior aversão ao risco, o Banco Central agiu tempestivamente, tomando todas as medidas para dar alívio ao sistema financeiro nacional e reduzir o impacto da crise sobre o sistema.

Em vista desse cenário, o Banco do Brasil, com uma forte desenvoltura, buscou aproveitar ao máximo as oportunidades que se avizinhavam no ambiente da crise. Olhando o slide seis, nós vemos, então, que a liberação de compulsórios permitiu ao Banco do Brasil intensificar suas operações com outras instituições financeiras.

Entre compra de carteiras de crédito e também aplicações interfinanceiras, o volume desses negócios somou R\$14 bilhões no período. Ao final, essas operações apresentavam um saldo de R\$9,8 bilhões, dos quais R\$3,8 bilhões compõem a carteira de crédito. E do montante de crédito, R\$3,1 bilhões foram operações de crédito consignado que nós adquirimos no período, e R\$700 milhões, operações de financiamento a veículos.

Passando, agora, para o slide número sete, nós podemos ver que, apesar da crise financeira, nós mantivemos nossa aposta na expansão do crédito, que apresentou



desempenho bastante expressivo, com saldo de mais de R\$224 bilhões, um crescimento de 39,9% em 12 meses e de 11,2% no trimestre.

Se nós excluirmos aqui, no trimestre, as aquisições que nós fizemos e também a incorporação da carteira do BESC, nós chegamos a um crescimento em torno de 9,7% no período, também acima da indústria. Aliás, o crescimento da indústria, que foi de 6,5% no trimestre e de 31,1% em 12 meses, ficou abaixo do desempenho do Banco do Brasil no período.

A nossa expansão, que superou a indústria, e se nós olharmos agora a carteira de crédito doméstica, percebemos que a performance foi da mesma forma, uma expansão acima da indústria. Crescemos 40,4% em 12 meses e 10,8% no trimestre. O resultado disso é esta linha na parte superior do slide, que mostra que o Banco do Brasil ganhou participação de mercado, aumentando sua participação no mercado de crédito para 17,1% em dezembro.

Os destaques nesse crescimento foram, sem dúvida alguma, a carteira de pessoas físicas, com variação positiva de 52,5% sobre 2007 e de 12,4% no trimestre; e do crédito para pessoa jurídica, que cresceu 48,4% no ano e 13,9% no trimestre.

Passando para o slide número oito, nós fazemos uma abertura das operações de crédito a pessoas físicas. No gráfico, podemos ver que mantivemos forte ritmo de crescimento do crédito consignado e do financiamento a veículos. Ampliamos em 48,4% a carteira de consignado em 2008, e este desempenho no trimestre foi bastante expressivo, de 21,2%; e no financiamento a veículos nós mais que dobramos a carteira em um ano, e no último trimestre nós crescemos 19,4%.

No slide número nove, nós vemos que o crédito concedido às empresas está próximo da marca de R\$100 bilhões. Destaque aqui para as operações com médias e grandes empresas, que cresceram 52,4% no ano e 16,8% no 4T.

É importante ressaltar que nós aproveitamos o ambiente mais restritivo ao crédito, e dada a nossa liquidez, que estava bastante robusta, nós observamos padrões de concessão de crédito, buscamos, então, estreitar o relacionamento com nossos clientes pessoa jurídica com o objetivo de atender as suas necessidades de financiamento, tendo em vista que, devido à crise global, os mercados financeiros internacionais estavam fechados, o mercado de capitais doméstico idem, e restou às empresas buscarem, então, o socorro junto aos bancos. E o Banco do Brasil soube aproveitar muito bem essa oportunidade, face sua liquidez, que estava bastante robusta no período. Mais posteriormente iremos falar um pouco sobre a nossa liquidez.

Mas antes disso eu gostaria de passar para o slide dez, onde nós fazemos o fluxo de algumas das principais linhas de crédito concedidas no período. Eu destaco para o crescimento da carteira de pessoa jurídica, que foi puxado pelas operações de capital de giro, e também a retomada das operações de ACC e ACE, financiamento ao comércio exterior. É importante lembrar que houve uma carência de funding denominados em USD com todos os bancos, e o Governo soube prontamente atuar, oferecendo funding em USD para os bancos utilizando as reservas internacionais do País para que os bancos continuassem a oferecer crédito para o segmento exportador, e o Banco do Brasil manteve praticamente o volume que vinha fazendo de crédito a esse segmento.



Aliás, se olharmos outubro e novembro, tivemos volume superior ao que vínhamos concedendo antes do período da crise, até antes da quebra do Lehman Brothers, e fechamos outubro, novembro e dezembro em um patamar médio até acima do que vínhamos concedendo para este segmento.

Por outro lado, percebemos aqui que, no caso do crédito para pessoas físicas, ele vem desacelerando a concessão, mas o desempenho do Banco do Brasil nesse segmento também é bastante expressivo.

Pulando para o slide número 11, nós vamos analisar aqui o fluxo de contratações, quando comparamos os desembolsos realizados pelo sistema financeiro nacional e aqueles efetuados pelo Banco do Brasil.

Nós podemos ver pelo gráfico que, após a retração do fluxo no sistema financeiro nacional, a partir de setembro, o patamar de desembolsos pré-crise já foi retomado em dezembro. Todavia, no que diz respeito ao Banco do Brasil, nós percebemos uma leve redução no fluxo de desembolsos; contudo, o volume desembolsado pelo Banco do Brasil foi muito maior do que o observado na indústria, e a consequência disso foi o aumento da participação de mercado do Banco do Brasil no volume de concessões, que saiu de um patamar perto de 14,5% no período pré-crise para 15,3% em dezembro de 2008.

Quando olhamos o slide número 12, fazemos uma comparação da evolução da carteira de crédito do Banco do Brasil em relação à indústria bancária brasileira e aos bancos privados no Brasil, considerando aqui como base 100 o ano de 2001.

Fica claro, neste gráfico que, historicamente, o Banco do Brasil tem apresentado taxa de crescimento de crédito superior à do sistema e à de seus pares privados, com uma taxa de crescimento anual média na ordem de 24%, enquanto os demais estão com a taxa de crescimento médio perto de 20%.

Passando, agora, para o slide número 13, fica claro que essa postura anti-cíclica do Banco do Brasil, de focar na expansão de sua carteira de crédito, foi sustentada pelo famoso movimento chamado *flight to quality*. O Banco do Brasil observou um aumento expressivo dos ingressos de funding na sua base de captação; nós podemos ver aqui, no lado direito do slide, um crescimento expressivo dos ingressos de CDB. O volume médio de CDBs realizados pelo Banco do Brasil até agosto era em torno de R\$12 bilhões, em setembro este volume duplicou para R\$24 bilhões, em outubro quase que triplicou, em novembro e dezembro observamos uma pequena retração, mas em patamares bem superiores à média histórica do período pré-crise.

E toda essa expansão na captação trouxe, claro, um aumento no custo de funding, principalmente pelo efeito *mix*, devido ao crescimento forte do volume de CDBs, o saldo de CDB aumentou de R\$55 bilhões em setembro de 2008 para R\$69 bilhões em dezembro de 2008. E graças a essa expansão forte da nossa captação, podemos, então, atuar mais agressivamente no crescimento e na expansão da nossa carteira de crédito.

O reflexo disso tudo está no slide número 14, onde observamos um crescimento forte da nossa margem financeira bruta em função do crescimento expressivo da nossa carteira de crédito. Notem que as receitas com crédito em 2008 totalizaram R\$34 bilhões contra R\$25 bilhões em 2007. E, olhando a margem financeira bruta mais especificamente, ela saltou de R\$20,8 bilhões em 2007 para R\$24 bilhões em 2008. E





se olharmos especificamente o período da crise, o 4T08, houve um salto de R\$1 bilhão na margem financeira bruta do Banco do Brasil em função dessa expansão forte da carteira de crédito, que foi financiada basicamente pelo crescimento expressivo da nossa captação.

Passando para o slide número 15, gostaríamos de falar um pouco sobre spread. É interessante notar que o crescimento da carteira de crédito, especialmente na pessoa jurídica, ajudou a manter o spread global do Banco do Brasil no patamar de 7%, 7,3%, dentro do *guidance* que nós colocamos para o mercado. Isso porque, apesar da redução do spread na carteira de pessoa física, o crescimento das operações de pessoa jurídica foi impulsionado principalmente pelas linhas de capital de giro, que, por serem naturalmente de um prazo mais curto, trazem spreads maiores, e em função da crise principalmente, essas operações tiveram seus prazos encurtados e suas taxas aumentadas, refletindo esse cenário mais restrito.

Tudo isso permitiu a elevação do spread dessa carteira no trimestre na faixa de 70 b.p. Além disso, vale ressaltar que o spread da carteira de agronegócios também apresentou uma melhoria, em função do maior volume de receitas de equalização contabilizadas no período, dado o maior volume de desembolsos ocorridos no período, também reflexo da crise para o setor de agronegócios.

Passando, agora, para o slide de número 16, eu gostaria de aproveitar para falar um pouco mais sobre spread, e nós podemos perceber que temos conseguido compensar a queda do spread das nossas operações principalmente pelo incremento dos nossos ativos rentáveis ao longo do ano.

A linha vermelha do gráfico traz o comportamento do spread de 2001 até 2008, período em que saímos de um patamar de um spread sobre ativos rentáveis médios de 9% para 7,1%. Já a linha rosa mostra o impacto nominal na margem financeira bruta em função da variação do spread nesse mesmo período, enquanto a linha azul traz o incremento da margem financeira bruta em decorrência da expansão dos ativos rentáveis médios.

Podemos verificar, então, que em todos os períodos o crescimento dos ativos rentáveis foi mais que suficiente para compensar a redução do spread observado na atividade do Banco do Brasil, o que, mais uma vez, comprova a força e a desenvoltura da franquia Banco do Brasil.

Pulando, agora, para o slide número 17, nós podemos ver que as despesas com provisão têm se mantido constantes em relação ao crédito, ficando em torno de 3,6% da carteira média. Na comparação com o 3T08, um incremento de 69,3% nas despesas com provisão, que somaram R\$2,2 bilhões, é explicado tanto pelo efeito sazonal de contratação da carteira rural, cujo fluxo de PCLD somou cerca de R\$700 milhões, como também pelo ajuste das metodologias de classificação de risco em direção a uma abordagem mais conversadora, exigindo mais provisões.

Olhando o desempenho das despesas de provisão no ano, que apresentaram um crescimento de 26,5%, este crescimento está totalmente em linha com a expansão da carteira de crédito no período, que foi superior a 40%.

Passando para o slide número 18, nós vemos mais uma vez que a expansão da carteira de crédito aconteceu com a manutenção da sua qualidade. As operações vencidas há mais de 90 dias, que é a linha amarela do gráfico, representavam 2,4% da



carteira ao final de 2008; este percentual é inferior ao índice de 2,7% observado ao final de 2007 e significativamente inferior aos 3% apresentados pelo sistema financeiro nacional.

Nós mantivemos o índice de provisão referido sobre o total da carteira, no patamar de 5,4%, e o risco médio medido pela relação de provisões totais da carteira encerrou o período em 6,1%.

Olhando, agora, o slide número 19, nós podemos observar que ao longo dos últimos anos a inadimplência do Banco do Brasil tem se mantido abaixo da inadimplência do sistema financeiro nacional, e essa tendência é ratificada pela abertura de 2008 trimestre a trimestre.

Na visão pessoa jurídica, verificamos que o atraso dessas operações segue tendência similar tanto no BB quanto no sistema financeiro nacional; todavia, nas operações com pessoa física, vemos que, por vezes, o Banco do Brasil segue tendência inversa à do sistema e comparativamente apresenta índices de atraso ainda menores.

Enquanto no 4T o atraso acima de 90 dias das operações de pessoa física do sistema cresceram 110 b.p., saindo de 13,6% para 14,7%, as do Banco do Brasil ficaram praticamente de lado. Isso em razão do *mix* adotado pelo Banco na carteira de pessoas físicas, com foco nas operações de crédito consignado.

No slide número 20, nós apresentamos a inadimplência da carteira pessoa física por safra anual, aqui considerando o crédito para pessoas físicas, exceto cheque especial, cartões e financiamento a veículos.

Nós podemos observar que a safra 2005 foi a que apresentou maior inadimplência nos últimos anos, um valor máximo de inadimplência de 6,5%. Podemos, então, assumir que o aprimoramento das metodologias de concessão de crédito do Banco do Brasil, bem como a mudança no *mix* das operações contratadas, tem permitido a redução desse índice de atraso na carteira.

No slide número 21 trazemos uma informação nova, que tínhamos prometido para o mercado, e, conforme prometemos, estamos cumprindo essa promessa, que são as safras de financiamento a veículos no Banco do Brasil para as operações contratadas no âmbito das nossas agências, e também aquelas contratadas no âmbito das revendas de veículos.

E é importante notar que é muito difícil tentar traçar uma tendência, uma vez que é um portfólio ainda novo, mas a inadimplência aqui demonstra claramente a curva de aprendizado do Banco do Brasil nesse novo segmento, que até então não tínhamos expertise mas que estamos aprimorando cada vez mais e aprendendo a lidar com essa carteira, entendendo melhor os riscos inerentes a essa carteira.

Passando, agora, para o slide número 22, nós gostaríamos de destacar aqui alguns dados sobre o Banco Votorantim. Embora muitos analistas tenham demonstrado preocupação em relação à nossa parceria estratégica com o Banco Votorantim, é importante ressaltar que a qualidade do crédito do Banco Votorantim é, sem dúvida alguma, muito melhor do que a indústria.

A expertise do Votorantim nesse segmento fica evidente ao se constatar o índice de inadimplência de 1,8% em uma carteira 90% composta por veículos usados. Nós,



assim, esperamos colher os benefícios da parceria do Banco do Brasil com o Banco Votorantim também no incremento da qualidade do nosso financiamento a veículos.

Olhando, agora, a partir do slide número 23, nós gostaríamos de trazer alguns dados sobre a nossa carteira de agronegócio e a atual conjuntura.

No slide número 24, nós podemos ver que o aumento nos desembolsos para a atual safra trouxe um maior volume de receitas de equalização. Sem dúvida alguma, especialmente em relação ao 4T08, o volume de contratações foi ainda maior por conta da antecipação de parte dos recursos da safra 2008–2009, que estavam previstos para serem aplicados no 1S09, que, em função da escassez de funding oriundo das *tradings*, foi autorizado, então, ser antecipado pelo Banco do Brasil e ser desembolsado ao longo do 4T.

Esse aumento nos desembolsos aconteceu principalmente com recursos equalizáveis, que cresceram 27,6% em relação ao trimestre anterior — é o gráfico de linha na parte superior do slide, a linha azul —, o que trouxe um maior volume de receitas de equalização, que somaram R\$494 milhões no 4T, aqui ilustrado pelo gráfico de área na parte inferior do slide.

Passando para o slide 25, nós trazemos informações que nos permitem manter uma tranquilidade em relação ao setor, especialmente à safra 2008–2009 e ao seu desempenho.

Embora o custo dos produtores tenha crescido, os preços têm se mantido o suficiente para garantir a margem dos produtores rurais. Vemos no gráfico abaixo à esquerda, por exemplo, que, mesmo com um cenário menos favorável, as margens ainda são remuneradoras, acima dos 20%, no caso aqui o exemplo do milho.

Passando para o slide número 26, nós apresentamos a evolução das operações contratadas com mitigadores de risco. O percentual de custeio agrícola contratado com seguro saiu de 42% na safra 2006–2007 para 69% na safra 2008–2009, um incremento de 2.700 p.p. Este incremento é resultado do posicionamento que o Banco do Brasil adotou em relação ao setor rural desde 2007, de direcionar recursos para novos créditos, com ênfase muito forte na conjugação com mitigadores de risco.

Do total de seguros agrícolas hoje contratados por intermédio da Aliança do Brasil, nossa empresa ligada, 90% são ressegurados, e a tabela na parte direita inferior do slide apresenta os institutos que resseguam o seguro agrícola.

Seguindo para o slide número 27, como o Aldo disse no início desta teleconferência, nós vamos tratar dos compromissos manifestados, tanto no *road show* que fizemos durante a oferta de 2007, e também das estimativas que divulgamos ao longo de 2008.

O Banco do Brasil conseguiu atingir a meta de crescimento das suas despesas administrativas, no slide 28 nós podemos ver a evolução dessas despesas; divulgamos ao mercado estimativas de que neste índice de resultado nós teríamos um incremento entre 7% a 10% em 12 meses; nós observamos um crescimento de 10,5%, mas é importante ressaltar que aqui estão incluídas também as despesas provenientes do BESC e do BEP, bancos incorporados, e essas despesas impactaram o 4T. Se eu ajustasse, inclusive, essas despesas, nós teríamos apresentado um crescimento da ordem de 9,9%, e não de 10,5%.





Antes de mudar para o próximo slide, é importante ressaltar também, no que diz respeito às despesas de pessoal, é importante lembrar que a data-base do setor bancário acontece em setembro e está refletida no aumento salarial dado à classe bancária nas despesas de pessoal do 4T08.

No slide número 29, nós mostramos a evolução dos índices de produtividade do Banco, que vem melhorando significativamente ao longo dos anos. De 2001 para cá, nosso índice de eficiência melhorou, saindo de 71,8% para 41,9%; nosso índice de cobertura, aqui medimos as receitas de tarifas cobrindo as despesas de pessoal, saltou de 67,4% para 124,5%.

E olhando, agora, o slide número 30, nós vamos fazer aqui uma comparação entre as estimativas que passamos para o mercado e o desempenho que o Banco do Brasil apresentou em 2008. Nós confirmamos praticamente a maioria das estimativas divulgadas, superando sobremaneira as expectativas de captação, depósitos totais, e de carteira de crédito.

Do lado dos depósitos, o sucesso do Banco na estratégia de intensificar as captações de depósitos, principalmente depósitos a prazo, aliado à migração de recursos aplicados na concorrência para o BB em razão da crise financeira internacional, colaborou para o crescimento no ano de 44% na base de depósitos, frente a um *guidance* de crescimento entre 25% e 30%.

E o desempenho de mais de 40% de crescimento na carteira de crédito também superou positivamente as estimativas de crescimento entre 30% e 35%, com um crescimento robusto, inclusive, no 4T08, e as despesas com provisão se situando em 3,6% da carteira média, praticamente dentro do *range* do *guidance* que nós colocamos, próximo da ponta inferior, na realidade, do *guidance*.

O que esperar para 2009? Em que pese muitos analistas terem uma visão pessimista em relação ao desempenho do Banco do Brasil em 2009, nós temos uma visão bastante diferenciada. O foco do Banco do Brasil, sem dúvida alguma, ao longo de 2009, será consolidar as aquisições feitas e promover mais rapidamente as integrações.

No slide 32, nós destacamos a força do Banco do Brasil aliada à da Nossa Caixa e do Banco Votorantim. Trouxemos aqui, para efeito informativo apenas, o que seriam os números do Banco do Brasil integrados à Nossa Caixa e Banco Votorantim *pro forma*. Nós percebemos que os nossos ativos se elevariam em mais de 17%, totalizando algo em torno de R\$610 bilhões, e o nosso lucro líquido cresceria mais de 11%, chegando próximo do patamar de R\$10 bilhões; claro, aqui olhando apenas o lucro societário, não o recorrente.

Nós focaremos, pelo lado da Nossa Caixa, fortaleceremos a nossa atuação como agente financeiro do Estado de São Paulo, papel esse exercido até então pela Nossa Caixa, que o Banco do Brasil passará a adotar; utilizaremos sua captação de baixo custo, principalmente proveniente de depósitos judiciais, para alavancar os negócios com os clientes de Nossa Caixa, principalmente no Estado de São Paulo, e consolidaremos, então, o Banco do Brasil como o maior Banco do Estado de São Paulo, que hoje responde por praticamente 30% do PIB brasileiro.

Em relação à nossa parceria estratégica com o Banco Votorantim, vamos consolidar e ampliar a atuação no mercado de financiamento a veículos, vamos aproveitar o



acesso a canais de distribuição alternativos, que são bem desenvolvidos e gerenciados pelo Banco Votorantim, e buscaremos ampliar a atuação do Banco do Brasil nos segmentos *corporate* e mercado de capitais, utilizando também o Banco Votorantim como nosso grande parceiro.

Olhando o slide número 33, em que pese preocupações de alguns analistas em relação à capacidade de crescimento e de alavancagem do Banco do Brasil, nós encerramos o ano com uma Basiléia de 15,6%, que nós consideramos bastante confortável. Aqui, *pro forma* novamente, o que seria nosso índice de Basiléia com a integração de Votorantim e Nossa Caixa; nós teríamos uma Basiléia de 13,5%, que permitiria uma margem de alavancagem de R\$77,5 bilhões.

Não temos nenhum problema, nenhum tipo de constrangimento por esse nível de Basiléia para o crescimento do Banco do Brasil. Muito pelo contrário, a base de capital é suficiente para sustentar o crescimento dos nossos ativos. E no que diz respeito a absorver impactos de aumento de inadimplência, além das reservas grandes que temos de provisão, nosso nível de capital também suporta adequadamente o aumento da inadimplência esperado para 2009.

Finalmente, apesar da esperada desaceleração da economia brasileira, o Banco do Brasil prevê crescimento dos seus negócios, e aqui nós trazemos, então, confirmando o *guidance* para o mercado.

Em que pese muitos analistas acreditarem que o Banco do Brasil dificilmente chegará a um retorno sobre o patrimônio líquido de 15%, nós acreditamos que temos condições, sim, de entregar para os nossos acionistas um retorno sobre o patrimônio líquido recorrente entre 19% e 22%. Nossa meta de crescimento de tarifas para 2009 é entre 5% e 8%, o crédito vai desacelerar, mas mesmo assim o Banco do Brasil espera crescer acima da indústria, e o *range* de crescimento, dependendo dos desdobramentos da crise na economia brasileira, pode variar de 13% a 17% a carteira como um todo, sendo pessoa física o grande *driver* de crescimento, de 23% a 25%, pessoa jurídica crescendo entre 16% e 19%, e agronegócio entre 2% e 5%.

Nossa captação continuará expandindo, entre 10% e 14%; esperamos aumentar o volume de despesas de provisão em função desse ambiente mais restritivo, e as despesas de provisão sobre a carteira média para 2009, esperamos tê-las entre o *range* de 3,8% a 4,2%.

O nosso spread permanecerá relativamente estável, perto do *range* dos 7%, então nós colocaremos um *range* para spread global bruto de 6,8% a 7,2%. Esperamos crescer despesas administrativas entre 9% e 12%, e é importante ressaltar que nessa projeção estamos olhando o Banco do Brasil *stand alone*, sem incluir as integrações de Nossa Caixa e também a parceria com Votorantim, e eventuais incorporações que possam acontecer nesse período. Mas cabe lembrar que algumas despesas que nós estamos contabilizando estão relacionadas a essas integrações, mas elas estão impactando este indicador.

E finalmente, em relação à taxa de imposto, e expectativa é uma taxa de imposto entre 26% e 29% em 2009.

Esses eram os pontos principais que gostaríamos de compartilhar com os senhores e as senhoras nesta teleconferência do Banco do Brasil relativa ao 4T08. Abro, agora, para a sessão de perguntas e respostas.



**Frederic Mariz, JPMorgan:**

Bom dia a todos. Obrigado pela conferência. Na verdade, tenho um par de perguntas. A primeira tem a ver com a sua *[ininteligível]*. Eu queria saber se você poderia dar um *guidance*, para saber se você vai mudar a distribuição de dividendos, se você está vendo uma emissão de ações ou qualquer emissão para o ano de 2009.

A segunda pergunta tem a ver com inadimplência. Queria agradecer a abertura que você fez, mas queria que você desse mais detalhes sobre as reclassificações que vocês fizeram e entender quais foram os segmentos ou os produtos que sofreram em margem, em termos do aumento da inadimplência no trimestre. E também, para 2009, onde você acha que tem mais risco? Obrigado.

**Aldo Luiz Mendes:**

Com relação ao dividendo, a política de 40% de *payout* não muda, será mantida.

Com relação ao capital, pelo que o Geovanne mostrou na conferência, não estamos sentindo necessidade de aumentar a base de capital do Banco. Contudo, se os negócios acelerarem mais do que estamos prevendo, sempre existe a possibilidade da emissão de uma dívida subordinada em Reais, e achamos que conseguimos fazer isso a um custo bastante atrativo para o Banco do Brasil.

Mas só lançaremos mão deste instrumento se realmente for necessário. A princípio não vemos essa necessidade, levando em consideração os números que o Geovanne mostrou de Basiléia após as incorporações de Votorantim e Nossa Caixa.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação à questão da inadimplência, Frederic, conforme já mostramos, acreditamos que o crescimento maior se dará principalmente em relação à carteira de pessoa jurídica. É importante ressaltar que o crescimento da inadimplência está diretamente atrelado a uma expansão menor do crédito; uma vez que a inadimplência é uma medida relativa entre operações em atraso sobre carteira, a carteira cresceu muito ao longo de 2008, e em 2009 estamos projetando um crescimento pela metade, perto de 20%.

Só esse efeito de crescimento menor no volume, aliado a uma maturação das operações que foram disponibilizadas em 2007 e 2008, você já tem um reflexo de inadimplência.

Então, nós acreditamos que a inadimplência, para efeito de estimativa, seria uma boa estimativa vocês esperarem um aumento de 100 b.p. a 150 b.p. na inadimplência, tanto de pessoa física quanto de pessoa jurídica, como reflexo principalmente do volume.

Em relação à deterioração, nós não temos a preocupação que os nossos pares privados têm porque o *mix*, principalmente na carteira de pessoa física, está muito centrado no consignado, e o consignado é principalmente com funcionários públicos. Então, o risco de perda de emprego, que poderia eventualmente trazer certa preocupação para a carteira de consignado, é mínimo, é praticamente zero.



Uma outra preocupação poderia ser proveniente da carteira de veículos. A carteira de veículos, nós mostramos a safra, é muito difícil tentar estabelecer uma tendência do que seria a inadimplência, mas é uma carteira muito nova e é pequena quando comparada com o total da carteira de pessoas físicas do Banco do Brasil. E tem a carteira de veículos do Votorantim, que tem um índice de inadimplência muito melhor do que a indústria. Então, não acreditamos que teremos preocupações grandes com deterioração da carteira de pessoas físicas.

Em relação a pessoas jurídicas, todo mundo sabe da dificuldade que muitas empresas estão tendo para renovar suas linhas de crédito. Talvez, o que possa acontecer são atrasos decorrentes dessa dificuldade de se refinanciar junto ao sistema, uma vez que, ainda, a captação de recursos lá fora está fechada para a maior parte das empresas brasileiras.

Mas mesmo assim acreditamos, o Banco Central já anunciou medidas para oferecer funding para empresas brasileiras, para poderem renovar as suas obrigações. Vai depender muito dos desdobramentos da crise na economia brasileira para tentarmos perceber o que será a inadimplência em 2009.

A princípio estamos muito tranquilos, não temos preocupação, o ambiente é mais restritivo. Por isso que antecipamos conservadoramente o refinamento das nossas metodologias, agravando mais provisões, criando uma cobertura maior de provisões para enfrentar uma eventual deterioração. Mas, até o momento, não temos nenhum indicador que aponte qualquer carteira que esteja dando mais trabalho.

**Frederic Mariz:**

Entendi. Obrigado, Geovanne. Se eu puder fazer só um *follow up* rápido com o Aldo, eu entendo que você está confortável com o seu nível de Basileia agora; sobre esse assunto da dívida subordinada, você tem uma limitação em termos do tamanho, do valor da emissão que vocês podem fazer? Eu não sei se tem uma regra que limite o tamanho do Tier 2 comparado com o total da Basileia. Se você pudesse me dar um pouco de esclarecimento sobre isso, seria interessante.

**Aldo Luiz Mendes:**

Não temos nenhum valor em mente. O limite seria 50% do capital nível 1, mas, como estou lhe dizendo, o nível atual que estamos projetando, 13,5% de Basileia, é suficiente para o crescimento do Banco do Brasil ao longo de 2009. Se percebermos que vai crescer mais do que estamos esperando, lançaríamos novas medidas subordinadas.

O limite total para emissão de dívida subordinada é 50% do capital de nível 1. Então, tem bastante espaço, estamos bastante confortáveis.

**Frederic Mariz:**

Entendi. Obrigado.

**Guilherme Rocha, Credit Suisse:**

Bom dia. Muitas perguntas o pessoal do JPMorgan fez, eu tenho duas perguntas específicas, na verdade. A primeira é: dentro desse *mix* do consignado, quanto seria



funcionário público? E depois, dentro da carteira de agronegócio, qual é realmente o racional de se crescer tão menos em agronegócio, só de 2% a 5% este ano? Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

O *mix* de consignado, 80% praticamente é com funcionário público. Nós temos aproximadamente 10%, 12% INSS e o resto é iniciativa privada.

Em relação a agronegócio, José Carlos, você pode responder a pergunta dele em relação a por que a expectativa de crescimento é menor no saldo da carteira de agronegócios para 2009?

**José Carlos Vaz:**

Posso. Guilherme, sobre agronegócios, o Banco tomou alguns direcionamentos nos últimos três anos com relação à atuação nesse setor. A primeira questão afetou um pouco na análise de risco, principalmente no que se refere a risco de produtor rural. Estamos exigindo mais colocação de mitigador de risco em seguro agrícola, hedge cambial, hedge de preço, uma série de tratamentos que a apresentação mostrou.

Outra questão que nós colocamos forte é que o Banco quer operar na parte de risco produtor com recursos específicos de crédito rural, dentro das atividades de depósitos à vista e da poupança.

Isso não quer dizer que nós não podemos eventualmente ir além desses recursos, mas aí nós vamos trabalhar muito com a questão do risco de uma pessoa jurídica acoplada, ou seja, um integrador, uma processadora de carne, uma usina de álcool e de açúcar, alguém que entre como coobrigado.

Em nossa carteira atual, nós temos parte dos recursos direcionados para as agroindústrias, que é o crédito agroindustrial, recursos da poupança rural [*ininteligível*] da taxa livre.

Mas dessa safra em curso para a próxima, a tendência é migrarmos essas operações diretas com empresas, ou usando para novas operações com outros recursos que o Banco tem para operações comerciais com pessoa jurídicas, ou para operações em que damos o crédito direto ao produtor rural e a companhia entrando como coobrigada.

Então, embora estejamos com esse [*ininteligível*] na carteira, na verdade haverá um crescimento maior no crédito rural, porque além do crescimento do setor, haverá uma migração interna de crédito industrial para crédito rural. Então, entendemos que o crédito rural deverá manter o crescimento usual que tem tido nos últimos anos, entre 15% e 25%, 20% como base.

Essas empresas que estão sendo assistidas com crédito industrial continuarão sendo assistidas, ou indiretamente, via o crédito rural que nós estamos dando para os produtores que são a elas integrados, e nós estamos dando garantia, ou com o uso de outras linhas da nossa área comercial.





**Guilherme Rocha:**

Deixe-me só aproveitar que o senhor está na linha: o senhor já enxergou alguma deterioração dentro de alguma área específica, ou algum tipo de indústria específico? Por exemplo, se da indústria de açúcar e álcool é de se esperar uma inadimplência maior, ou setor de pecuária, frigorífico, esse tipo de coisa? Já é possível enxergar alguma deterioração específica em algum desses segmentos?

**José Carlos Vaz:**

Com relação a segmentos, nós estamos relativamente tranquilos, não vemos nenhuma situação de diferenciação em relação a outros segmentos econômicos; com relação aos segmentos de produção de carne e segmentos de produção de grãos e fibras.

Você tem situações individuais. Então, não podemos querer que determinados tenham um comportamento de maior risco ou de menor risco. Principalmente as questões individuais têm de ser consideradas em função da estrutura da matriz de financiamento das empresas. Não dá para se fazer análise com relação a segmento.

É claro que nós temos uma operação de exportação muito forte no agronegócio, e a crise internacional está chegando ao Brasil via as empresas que atuam nas exportações.

Em relação, então, às empresas do agronegócio, eu diria que elas estão em geral em uma posição melhor que nos outros anos em exportação por duas situações. Primeiro, o mercado interno brasileiro é forte e temos uma base de consumo bastante sustentável; o nosso segmento de baixa renda, que aumentou o consumo nos últimos anos, tende a manter essa renda ao longo do ano. E o segundo ponto é que o consumo de alimentos no mundo tende a se conservar em certos patamares.

Então, só vemos eventualmente questões individuais. Com relação aos segmentos, achamos que estão em boa situação em relação às demais cadeias econômicas. Claro que estamos adotando critérios, análise caso a caso, como em qualquer financiamento que se concede para qualquer tomador.

**Guilherme Rocha:**

OK. Obrigado.

**Luiz Adaime, Bresser:**

Bom dia a todos. Eu queria alguma perspectiva quanto à parte de comissões de receitas de *fees*. Se com essa fusão do Itaú Unibanco e as restrições que o Banco Central colocou em algumas das operações, vocês vêem como oportunidade, e dado o comportamento em janeiro e fevereiro, o que podemos esperar de crescimento ou até mesmo decréscimo em 2009? Obrigado.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Adaime, estou conversando com o nosso Diretor de Controladoria e você tem que esperar o que nós colocamos no *guidance*, um crescimento de *fees* de 5% a 8%. É importante lembrar que o Banco do Brasil tem um pacote de serviços que oferece para



a sua clientela a um preço bastante competitivo. Então, nós temos bastante segurança de que será possível crescer principalmente em função da expansão da base, expansão dos negócios, e nós trabalhamos com uma idéia de reajuste de preços para poder crescer esse *fee*. Esse *fee* vai crescer de 5% a 8% em função da expansão dos negócios.

**Luiz Adaime:**

Geovanne, você poderia dar algum *breakdown* entre as linhas? O que vocês esperam que se comporte melhor ou pior? Com esse crescimento de crédito relativamente elevado, imagino que as comissões de crédito se destaquem. Tem alguma outra área que poderia se sair melhor este ano?

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Em relação à carteira de crédito ou em relação a *fee*?

**Luiz Adaime:**

Em relação a *fee*. O *fee* de crédito.

**Marco Geovanne Tobias da Silva:**

Nós temos um universo de *fees* tão variado, Adaime, que é difícil. Mas certamente você tem aquelas que são as mais fortes, que são administração de recursos de terceiros, cartões de crédito, os planos de tarifas para conta corrente, seguros, *[ininteligível]*, a parte de cobrança, é uma outra, crescemos muito o crédito à pessoa jurídica e isso nos permitiu ampliar o relacionamento com o segmento de pessoa jurídica, que vai nos permitir também fortalecer a nossa base de cobrança. Essas são as principais linhas em que você poderia esperar o crescimento de *fee*.

**Luiz Adaime:**

OK. Muito obrigado.

**Juan Partida, UBS Pactual:**

Bom dia a todos. Eu tenho uma pergunta, gostaria de saber se vocês têm alguma restrição para financiar o Votorantim, usando, por exemplo, recursos vindos da Nossa Caixa. Vocês têm alguma restrição percentual a isso?

**Aldo Luiz Mendes:**

A princípio, no momento em que a Nossa Caixa estiver incorporada, os recursos dela passam a ser do Banco do Brasil. O Banco do Brasil tem um acerto de uma linha de crédito com o Banco Votorantim, existe entre nós um acordo de volume, acordo de taxa, acordo de prazo, e é uma linha bastante flexível, porque ela é revista entre os tesoureiros a cada três meses. Então, a cada três meses essa linha que o Banco do Brasil oferece ao Banco Votorantim é repactuada entre os tesoureiros de ambas as instituições, dentro de alguns parâmetros pré-definidos entre nós.

Contudo, eu adianto que essa linha não foi usada até o momento e não parece que será usada no curto ou no médio prazo, porque ela representa apenas uma forma de



empréstimo adicional; ela só seria usada pelo Banco Votorantim se ele não tivesse condições de buscar funding no mercado, mas não é essa a realidade. O Banco Votorantim está se financiando 100% no mercado. Todo recurso que ele necessita hoje para lastrear suas operações de crédito provém do mercado, nenhum centavo vem do Banco do Brasil.

**Juan Partida:**

Muito obrigado.

**Fernando Salazar, Fator Corretora:**

Bom dia a todos. Eu gostaria de entender um pouco da estratégia que o Banco pretende adotar no segmento de seguros e previdência, se o Banco pretende seguir sozinho, a exemplo do que ocorreu na Aliança do Brasil, ou se o Banco pretende concentrar suas parcerias em uma só empresa. Nesse caso, quais seriam as empresas que o Banco considera que sejam mais adequadas para essa parceria? Obrigado.

**Aldo Luiz Mendes:**

A princípio, não pretendemos seguir sozinhos, como em Aliança do Brasil. Entendemos que o modelo de parcerias tem funcionado muito bem ao longo dos últimos dez anos e vamos continuar com ele.

O que estamos fazendo é uma revisão dessas parcerias, do ponto de vista estratégico. Nós temos um banco de investimento e uma empresa de consultoria nos assessorando de forma a rever esse universo de seguridade dentro do Banco do Brasil.

O modelo com o qual trabalhamos, o modelo teórico ainda, ideal, desejado, é um modelo com um número pequeno de sócios e uma redefinição da área de seguridade, onde possamos juntar, por exemplo, vida e previdência, onde possamos juntar ramos elementares e veículos. Mas isso é uma coisa que não está 100% definida ainda, e nós temos duas empresas, um banco de investimento e uma empresa de consultoria junto conosco, remodelando todo o segmento.

E iremos continuar com parceiros, não iremos sozinhos. Achamos que essas parcerias funcionam muito bem.

**Fernando Salazar:**

OK. Obrigado.

**Operadora:**

Com licença. Não havendo mais perguntas, passo a palavra ao Sr. Aldo Luiz Mendes, para as considerações finais.

**Aldo Luiz Mendes:**

Agradeço a presença de todos. Aproveito, também, a oportunidade para convidá-los para participar do V Encontro Nacional do Banco do Brasil com Analistas e



Investidores, que vai ocorrer no dia 20 de março e ocorrerá junto à APIMEC-SP, ocasião em que daremos início ao circuito APIMEC do BB, que este ano contará com um total de 21 reuniões, distribuídas em todas as regiões do País.

E havendo necessidade de mais informações sobre a nossa Instituição, por favor contatem a nossa equipe de RI ou visitem o nosso *website*.

A todos um bom fim de semana, muito obrigado. Um bom Carnaval, e até a próxima oportunidade.

**Operadora:**

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nesta teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores.

Obrigada pela participação, e tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o *website* de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”